

O NEGRO NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

RESUMO

Estudo da veiculação, na literatura infantil brasileira, do preconceito racial, através de um negro estereotipado, portador de características negativas e de valores sócio-culturais falsamente atribuídos à sua raça.

O trabalho baseia-se em duas lendas nacionais, três livros infantis de autores mineiros e uma publicação da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, em comemoração ao centenário da abolição da escravatura.

ABSTRACT

A study of the way racial prejudice is conveyed in Brazilian literature for children, through a stereotyped negro, the prototype of negative characteristics and of socio-cultural values falsely attributed to his race.

The paper is based on two Brazilian legends, three books for children by authors from Minas Gerais, and an official issue of Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, celebrating the centenary of the abolition of slavery.

* PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE LETRAS GERMÂNICAS DA FALE-UFMG.

Até que ponto o negro, como estereótipo está presente na vida de nossas crianças? Como certos valores sócio-culturais falsamente atribuídos a ele chegam ao mundo infantil como algo inerente à raça?

A partir dessas questões, origina-se este estudo que se propõe a analisar duas lendas nacionais - *O Saci Pererê* e *O Negrinho do Pastoreio*, três obras de autores mineiros - *Pivete* de Henry Corrêa de Araújo, *Greve na Escola* de Ivana Versiani, *O Menino Marrom* de Ziraldo, e a cartilha *Negro que te quero negro*¹, produzida pela Comissão Estadual de Moral e Civismo da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais.

Seria interessante lembrarmos que na colonização da África pelo Ocidente, no século XIX, a ignorância em relação à história antiga dos negros, às diferenças culturais e aos preconceitos étnicos, aliados à necessidade de ter o negro como mão-de-obra "predispuseram o espírito do europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais. Negro torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade prê-lógica"².

Fúlvia Róseberg num estudo do enfoque de análise do personagem em textos literários infanto-juvenis, observa uma série de indicadores literários e pictóricos que privilegiam a co-etnia branca em detrimento das demais. Diz ela:

"A cor negra, por exemplo, aparece com muita freqüência associada a personagens maus, seja diretamente através da pigmentação do tecido que o recobre (pele, pêlo, penas), da coloração de seus acessórios e vestimentas ou ainda do contexto que o cerca.

O negro associado à sujeira, à tragédia, à maldade, como cor simbólica, impregna o texto com bastante freqüência.³

E é assim, que mesmo antes de aprender a ler, as cabecinhas infantis são expostas à literatura oral que lhes conta histórias de seres negros inferiores, preguiçosos, maldosos, não-confiáveis e que invariavelmente merecem castigos ou punições pelos seus malfeitos.

O Saci Pererê, parte integrante da literatura folclórica nacional, nos é apresentado como um negrinho de uma perna só, capuz vermelho na cabeça e que, segundo alguns, usa cachimbo. A caracterização do saci como ser inferior já se revela, pois, na sua aparência física. Dotado de uma só perna, falta ao saci um pedaço para que se torne um ser humano normal.

O Saci Pererê é tido como o rei das travessuras. Sua diversão predileta é ir aos pastos, altas horas da noite, cavalgar os animais ou amarrar seus rabos. "As mães temem-no porque ele é um refinado ladrão de crianças não batizadas (pagãs)"⁴. É sem dúvida aparentado com o diabo e para afastá-lo só um "laço feito de um rosário bento"⁵.

Talvez não tão popular, mas também bastante conhecida, é a lenda do Negrinho do Pastoreio. O negro vai então se mostrar à criança como o oprimido, o escravo, o sofredor, além de representar mão-de-obra desqualificada comum ao grupo social dominado.

Por perder uma corrida para um cavaleiro branco, o Negrinho é levado a tomar conta do cavalo baio do fazendeiro junto com as demais reses, evidenciando-se assim, logo de início, a superioridade do branco. O Negrinho cumpre a sua missão açoitado pela fome e pelo sono. Um dia, não resistindo ao cansaço, adormece e os guaraxains que por ali passeiam roem a corda que prende o cavalo ao menino. Vendo-se livre o baio foge levando junto os outros cavalos, sem que o pobre do menino possa fazer nada.

O Negrinho então aparece em total desvantagem:

"Agora só restava uma saída... passar a noite procurando os cavalos. Ao seu lado o Negrinho só podia contar com duas coisas: com a proteção de sua madrinha Nossa Senhora e com um toquinho de vela, que por onde passava pingava gotas de cera. E a cada gota que caía acendia uma luz. Logo tudo ficou claro e

assim o menino pôde encontrar os animais fugitivos e levá-los de volta à fazenda."6

O Negrinho consegue capturar novamente os cavalos pela interferência da providência divina. Sem ela a missão lhe seria totalmente impossível, uma vez que, como negro, é considerado um ser incapaz. Entretanto, é interessante notar que há na lenda uma tentativa de redimir o negro de tanta injustiça e sofrimento. Ele, e não o fazendelro, é o escolhido como o protegido do céu.

Passemos então ao enfoque dado por três autores mineiros em seus livros infantis.

Greve na Escola de Ivana Verslanl conta a história de Zelinha, a filha da cozinheira de uma mansão e de sua amizade com Zulma, uma criança também discriminada na escola, por ser filha de pais desquitados e por falar "diferente".

As duas lideram um grupo de colegas que se empenham em ganhar um jogo de vôlei cuja renda seria revertida em benefício da greve das professoras estaduais. Zelinha é descrita como não muito alta "o cabelo crespo preso em dois coquezinhas, os olhos pretos brilhando e a pele toda marrom"⁷. A condição de inferioridade no "modus-vivendi" e no "status" de Zelinha é evidenciado desde o princípio:

"Zelinha morava no barracão do fundo de uma casa grande, cercada de grades. Era filha da empregada."⁸

"Zelinha contou que dormia com a mãe no barraco do fundo, quase não tinha lugar para guardar suas coisas, escrevia com o caderno no colo."⁹

Zelinha sente que é diferente. Ela sabe, por exemplo, que não pode balançar na rede da varanda, não tem amigos na rua, pois as poucas crianças vizinhas estudam em colégios particulares e brincam nos "playgrounds" dos prédios. Obviamente se sente proterida, alienada, "diferente". A discriminação invade a sala de aula da escola pública e ela sente que é inferior. As meninas arrumadinhas e craques em tabuada sentam-se na frente, as mais mal arrumadas e bagunceiras sentam-se atrás.

"Zelinha simpatizava com a turma de trás, mas tinha uma ponta secreta de inveja das

meninas bem-arrumadinhas lá da frente, com seus cadernos caprichados cheios de notas boas, seus lápis bem apontados e aquelas bor-rachas enormes e macias. Principalmente a Ana Maria... Era a primeira até na chamada. E ela - Zélia! - a última. Combinando com seus cadernos mal enjambrados e com seus sa-patos velhos."10

Desde bem criança, Zelinha sente que é impossível mudar de vida. O seu "status" seria sempre o da serviçal. Apesar do in-centivo da patroa, não acreditava no futuro:

"D. Aparecida falava sempre que ela tinha de estudar e formar para melhorar de vida! Zelinha pensou: *pra passar pro lado de cá*. Mas será que ela um dia ia ficar sentada ali naquela sala, bebendo uísque e comendo sal-gadinhos com as visitas? Zelinha duvidava, parecia tão impossível."11

Há vários e vários exemplos de discriminação, como no dia em que sua melhor amiga e a mãe vão até a sua casa e ficam sen-tadas de papo com sua patroa na sala, enquanto ela e a mãe fa-zem o café, servem-no e mantêm-se de pé na sala todo o tempo. Trata-se de uma discriminação velada... Subentende-se que o tra-tamento diferenciado ocorre porque ela é preta, filha de empre-gada. Mas, no final do livro, a diferenciação de tratamento de-vida à cor e ao "status" torna-se clara. Augusto, o menino rico da classe, convida os colegas para passar o domingo no seu sí-tio. Zulma oferece um maiô para Zelinha pois sabe que ela não tem.

"Zelinha fez cara interrogativa
- Maiô?... Prã quê?..."

Só então Zulma notou o gelo em redor. Todos estavam calados, constrangidos, olhando uns para os outros. Zelinha não tinha sido con-vidada!

Zulma entendeu e ficou pasma. Por quê?! Toda a sua turminha ia e ela não? Ela, Zulma, era convidada, e Zelinha, sua melhor amiga, não era? Por quê?!

Aos poucos a resposta foi crescendo dentro dela. Seus ombros caíram, seu rosto ficou pálido, mais fino, dois vincos se desenha-ram em volta da boca. Augusto era rico e Ze-linha era pobre, era preta, era filha de em-pregada..."12

Pivete, de Henry Corrêa de Araújo, sintetiza todos os traços negativos que são erroneamente considerados traços distintos dos negros.

"O negro é retardado, perverso, ladrão. Sendo deficiente, o negro deve ser protegido. Legitima-se o uso de medidas policiais e de uma justiça severa para uma pessoa com instintos tão maus. É preciso proteger-se das perigosas tolices de um irresponsável e defendê-lo de si mesmo."13

Em nenhum momento, o pivete é descrito como negro. Mas pela descrição de seu físico, de seu "habitat", de seu modo de ser, é fácil inferir qual seja a sua cor! "Pivete nasceu e cresceu miúdo. Era magrinho. Continuou magrinho. Mas os seus olhos de tão grandes e pretos, pareciam duas jabuticabas."14

Seus pais são Maria Lavadeira e Chico Pedreiro, presidente de uma escola de samba e por isso importante. Passa o dia perto de um córrego. Lá mesmo aprende a engatinhar e dar os primeiros passos. No morro onde mora não há água, luz ou escola. Apenas barracos feitos de tábuas de caixotes e muita pobreza.

Pivete é por excelência, o anti-herói. Cresce moleque, é chamado "filho do capeta" - outro índice de sua cor - e junto com outros pivetes desce o morro para viver na cidade. Sua individualidade se perde então no meio do bando onde todos são pivetes.

"Deixa de ser Francisco Arrudas para ser apenas Pivete, uma metonímia de todos os menores abandonados que zanzam pela cidade. Pivete não tem marca especial, mas como ele é o símbolo de todos, tem todas as marcas dos outros: a subnutrição, a fome, a vermínose. São todos malandros, 'malandrinho e meio'. Lutam pela sobrevivência, burlam e são burlados. Seres deslocados das regras formais da estrutura social excluídos do mercado de trabalho, vivem de acordo com as circunstâncias, procurando tirar proveito da situação. Desafiam a autoridade, mas não tem consciência da estrutura social nem a questionam."15

Essas observações contidas em um artigo de Ivete Walty e Maria Helena Campos estão totalmente de acordo com as que Munanga faz em relação ao negro.

"Todas as qualidades humanas, serão retiradas do negro, uma por uma. Jamais se caracteriza um deles individualmente, isto é, de maneira diferencial. Eles são isso, todos os mesmos. Além do afogamento no coletivo anônimo, a liberdade, direito vital reconhecido à maioria dos homens será negada. Colocado à margem da história, da qual nunca é sujeito e sempre objeto, o negro acaba perdendo o hábito de qualquer participação ativa, até o de reclamar."16

Segundo Walty e Campos

"...na sua aparente recusa em integrar as instituições sociais - a família, a escola, o trabalho - reproduzem os valores da ideologia dominante e se crêem livres para viver sua vida. "Passarinho fora da gaiola não come alpiste mas voa alto." Tal fala justifica a fome e até a aceita em nome de uma aparente liberdade. Para eles a gaiola é a cadeia, em nenhum momento pensam no sistema social, que os fabrica, como uma grande gaiola, de onde eles fogem, se escondem, burlam e são burlados. É o chamado espaço da ilegalidade permitida, como o denomina Foucault."17

É tão grande o sentimento de inferioridade e de impotência do povo do morro, que as soluções para os problemas são atribuídas à providência divina - "Foi Deus quem o pôs no mundo, quando quiser tira..."

A fala da mãe do Pivete é a reprodução da ideologia da classe dominante e da Igreja: há pobres e ricos, negros e brancos, por que esta é a vontade divina. É sem dúvida uma filosofia comodista que exime de responsabilidades e deveres o dominador, alienando e inferiorizando o dominado, perpetuando através dos tempos o estigma e a discriminação.

Embora não tendo consciência de serem vítimas da sociedade, os pivetes têm consciência do seu papel de párias, da sua marginalidade. Além disso, no mundo em que vivem não há lugar para emoções. "Pivete quis chorar. Lembrou que pivete não podia chorar."18

O *Menino Marron*, de Ziraldo, dá à criança negra um tratamento poético e de extrema sensibilidade. O menino não é preto, é marrom e é uma criança muito bonita, inteligente e esperta.

"Era uma vez um menino marrom. Ele era um menino muito bonito... Sua pele era cor de chocolate. Chocolate puro, não chocolate com leite (não gosto de chocolate com leite, daí achar a cor de chocolate puro mais bonita). Os olhos dele eram muito vivos, grandes. As bolinhas dos olhos pareciam duas jabuticabas: pretinhas. Aliás, pretinhas não. Jabuticabas não são pretas. Para falar a verdade, tem muito pouca coisa realmente preta na natureza.

... já falei dos seus dentes? Ihhh, vai começar outra longa conversa para explicar que não existem dentes absolutamente brancos. E realmente, não existem. Se você ficasse com a boca cheia de dentes brancos como a neve, você iria ficar ridículo, parecendo um vampiro sem presas."¹⁹

E é a partir dessa premissa - que nada na natureza é totalmente branco ou preto - que Ziraldo vai desenvolver sua história. Os traços físicos de raça negra são colocados no menino marrom de uma forma singela e carinhosa.

"Pois o menino marrom tinha os dentes claros, certinhos, certinhos...

- Quando o menino ria, era aquela luz no meio do seu rosto marrom.

Os cabelos eram enroladinhos e fofos. Pareciam uma esponja. Logo depois do banho quando seus cabelos secavam, era um prazer ficar fazendo assim, com os dedos em gancho, fofando a cabecinha do menino marrom...

Falta descrever as bochechas do menino marrom, seu queixinho pontudo, sua testa alta, bem redonda, tudo harmoniosamente organizado no seu rosto. E, finalmente, falta descrever seu nariz. Nariz de menino marrom nunca é pontudinho. Ele cresce mais para o lado do que para frente. O do menino marrom era feito de três bolinhas surgidas assim, de repente, no meio do rosto. Uma bolinha maiorzinha no meio e duas menorzinhas, uma de cada lado, em volta das narinas. Um desenho perfeito...

No mais ele era magrinho, de joelhos redondos e perninhas finas... O peito era quadrado e os ombros também: um corpo muito bonito de atleta futuro; os pés eram grandes - grandes mesmo!..."²⁰

Depois da beleza de suas características físicas o autor lhe confere atributos como curiosidade, inteligência, vivacidade. E conclui dizendo que era um menino muito feliz.

A ausência de preconceitos ou discriminação aparece na enorme amizade que une o menino marrom ao menino rosa e na igualdade de tratamento dispensado aos dois. O menino marrom nunca aparece como ser inferior ou é colocado em posição de desvantagem. Os dois meninos são vizinhos, estudam na mesma sala, brincam e brigam juntos - nunca se sabe o vencedor - são ambos bonitos, inteligentes e vivos.

"Quando as mães dos dois contavam as graças dos seus filhos para as vizinhas, a gente nem sabia qual a história que era de um, qual a história que era do outro. Também não fazia diferença: os dois eram parceiros e, numa boa parceirada, tudo é feito junto."²¹

Ambos têm consciência de sua cor e de não serem da mesma cor. Convivem perfeitamente bem com o fato que, hora alguma, parece incomodá-los. O que os aborrece é que a amizade que os une parece causar incômodo nos outros.

"Puxa vida! Se um era marrom e o outro era - digamos - cor-de-rosa por que é que todo mundo dizia que um era preto e o outro era branco? Imagina: eles nunca haviam se preocupado com isto... E nunca tinham se preocupado com o fato de um ser de uma cor e o outro ser de outra. Agora, eles queriam saber o que era branco e o que era preto e se isto fazia os dois diferentes."²²

É também muito interessante - e parte da realidade infantil - a descoberta que os leva a conhecer a origem de sua cor. Ao misturar todas as tintas da aquarela o menino marrom cria um tom marrom, que é a sua cor. Ao ver um disco de Newton - sete cores - em movimento, o menino cor-de-rosa vê que as sete cores misturadas viram o branco. A conclusão vem rápida: "Quer dizer que eu sou todas as cores paradas e você é todas as cores em movimento?"²³

Chegam em casa encantados por terem descoberto que o mundo não é dividido entre pessoas brancas e pretas.

"Mesmo porque, elas não existem.

O que existe - que boa descoberta - é gente marrom, marrom-escuro, marrom-claro, avermelhada, cor-de-cobre, cor-de-mel, charuto, parda, castanha, bege, flicts, esverdeada, creme, marfim, amarelada, ocre, café-com-leite, bronze, rosada, cor-de-rosa e todos esses nomes aproximados e compostos das cores e suas variações."²⁴

Concluimos então que, nas lendas, está latente a reprodução ideológica da imagem negativa do negro. Nas histórias infantis apresentadas, encontramos duas posturas diferentes. Em duas delas - *Greve na Escola* e *Pivete*, há a denúncia da situação do negro na sociedade - ora mais ligado à maldade e à malandragem, como no caso de *Pivete*, ora retratando apenas o oprimido, o sub-serviente como em *Greve na Escola*. O negro é sempre uma presença que incomoda e por isso é marginalizado. Entretanto, é interessante notar que os dois livros constituem exceções. Como já foi dito anteriormente, a literatura infantil reproduz os estereótipos sem denunciar o preconceito.

Já Ziraldo com o seu *O Menino Marrom*, adota uma atitude atípica. Sem censuras ou denúncias, ele aponta para um mundo ideal, um mundo de inexistência do preto e do branco absolutos e da coexistência de pessoas de cores diversas, numa relação consciente, aberta, desmitificada e pacífica.

Não há dúvidas que Ziraldo foi bastante feliz na contestação de preconceitos; mas, em contraposição, temos a cartilha *Negro que te quero negro*, cuja publicação se constituiu num verdadeiro desastre.

No ano de 1988, centenário da abolição, as crianças das escolas públicas de 1º grau de Minas Gerais, foram brindadas com tal cartilha, redigida por Terezinha Yone Rodrigues, técnica em assuntos educacionais, e produzida pela Comissão Estadual de Moral e Cívismo da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais.

Através de textos e dos mais diferentes tipos de atividades nas mais variadas áreas - Comunicação, Estudos Sociais, Matemática - todo um rol de preconceitos e de estereótipos negros é veementemente enfatizado, muitas vezes até através da negação de sua existência.

Sabe-se que, embora reconhecendo diferenças físicas e culturais entre negros encontrados no continente africano, os euro

peus ficaram mais impressionados pelos traços que os vários povos tinham em comum: a cor da pele, o cabelo, a forma do nariz e dos lábios, a forma da cabeça, etc. Diz Kabengele Munanga que desses traços físicos, considerados elementos coletivos, "montou-se um negro geral".

"Em cima (sic) desta imagem tenta-se mostrar todos os males do negro... O fato de ser branco foi assumido como condição normativa e o de ser negro necessitava de uma explicação científica."²⁵

Rosemberg comenta que o fato do branco ser identificado como padrão normal de humanidade não significa que sua individualidade enquanto ser humano esteja perdida. Ao contrário, a perda da unicidade e da individualidade se faz sentir sobretudo para o não-branco, negro ou índio.

O tabu e o preconceito da cor negra representando uma mancha moral e física, a morte e a corrupção, ou na acepção da Igreja Católica o pecado ou a maldição divina, em oposição à cor branca remetendo à vida e a pureza são encontrados na epígrafe - de autoria da redatora - com a qual se inicia a cartilha

"Mostrando a alma que é franca
a raça negra é querida.
Alma de preto é mais branca
que os brancos "pretos" da vida."²⁶

As conotações de "preto" e "branco" são claramente delimitadas: o bom é branco, o mau é preto.

Logo após, na justificativa do trabalho, a autora diz ser impossível negar o preconceito contra o negro.

"Não se justifica que após quase 500 anos da história do Brasil, em que o negro sempre esteve presente, engrandecendo o nosso país, o preconceito de cor ainda esteja arraigado na nossa sociedade. Negá-lo é impossível, porque o negro existe."²⁷

Ela termina fazendo um apelo à fraternidade, no qual exclama: "Basta de injustiças! Viva o amor!"

A idéia do negro como um branco degenerado, caso de doença ou desvio à norma é veiculada através de um poema também de au-

toria da redatora:

Súplica Negra

"Senhor, por que me fizeste assim?
Meus cabelos são encarapinhados
Meu nariz achatado
Minha pele negra
Estou inacabado?..."

O negro do poema é tão envergonhado e descrente de sua cor, tem tamanho complexo de inferioridade, que ele interpela a Deus: "Preto não pode ser intelectual?" Será que posso ser artista?" e na sua total impotência de se tornar branco, o padrão, o dominador, o modelo, ele oferece a Deus uma sugestão:

"Se for para assim continuar,
Eu vos peço Senhor,
que não me deixe inacabado
Ou então, pinte todos os homens de preto." 28

Encontram-se, na cartilha, algumas versões da lenda da origem do negro. A primeira conta que, quando Deus criou o mundo, criou também o homem negro mas depois "porque os negros achassem que a cor branca era muito mais bonita", Deus fez com eles um pacto: os que atravessassem um rio de águas muito frias se tornariam realmente brancos. Alguns só tocaram a água milagrosa com as solas dos pés e as palmas das mãos, sendo essas, então, as únicas partes do seu corpo que ficaram mais ou menos brancas. Vê-se, nessa primeira lenda, um negro estereotipado, alienado, envergonhado de sua cor, correndo em busca de mudanças que o tornem mais próximo do padrão vigente - sola dos pés e palmas das mãos brancas.

O apelo dos negros a Deus para que este lhes mude a cor, nos remete à explicação de ordem religiosa nascida do mito camítico entre os hebráicos. De acordo com ele, os negros são descendentes de Cam, filho de Noé, amaldiçoado pelo pai por o ter desrespeitado quando o encontrou embriagado numa postura indecente.²⁹

Essa primeira versão atribuída a Francisco de Paula Ferreira de Rezende sugere também ser o negro preguiçoso e irracional. É que termina dando crédito à preta velha que lhe contara a história, concluindo: "o negro é ainda o mais friorento de to

dos os *animais* pois que sempre a tremer e a bater o queixo, nunca acha sol ou fogo que o farte; e, enquanto ao sol e ao fogo ele se aquece, ou dorme ou cochila."

A versão do Oeste de Minas da mesma lenda, registrada na cartilha, conta-nos que, após o Criador ter-lhe dado a vida, o negro, vendo-se de cor tão diferente dos outros homens correu para um rio para se lavar. Para evitar que sua obra se modificasse, o Criador fez com que o rio secasse imediatamente, quando apenas o negro havia entrado na água e molhava as mãos para esfregá-las ao corpo. Por isto o negro só tem brancas a sola dos pés e a palma das mãos. Mais uma vez o negro é mostrado como ser inferior, envergonhado de sua cor. Ênfase maior sobre tais atributos negativos do negro está na terceira variante, do Nordeste de Minas, que considera ser o negro um produto do Diabo.

"Deus criou o homem e o Diabo, com inveja, quis também fazer uma criatura igual. Pegando num bocado de argila, soprou-o e apareceu um ser vivo e esperto, de cor negra e baça.

O Diabo coçou a orelha desgostoso com a criatura e, cheio de ira, deu-lhe um soco no nariz achatando-o. O moleque chorou muito e o Diabo, arrependido, acariciou-lhe a cabeça, daí nascendo o cabelo pixaim.

Como era muito feia a cor de sua criatura, o Diabo resolveu torná-la branca e levou-a ao riacho para lavá-la. Molhou-lhe a palma das mãos e a planta dos pés. A água fê-la gritar e fugir, tremendo de frio.

É por isso que o negro, além de ser muito friorento, tem brancas as palmas das mãos e a planta dos pés."³⁰

Na atividade "Discussão Dirigida" a autora confirma ser o negro alguém estigmatizado cuja condição econômica e sócio-cultural é mantida através dos tempos. Há um item que diz:

"- A luta da mulher negra na conquista social:

- . de escrava a mal-assalariada
- . da cozinha de sinhã à cozinha de "madame"
- . da senzala à favela
- . de ama de leite a mãe solteira"³¹

Há também uma atividade, estranhamente denominada estudo dirigido, de autoria da redatora, intitulado "'Não' Negro", onde

através de perguntas às quais a própria autora responde negativamente, toda a estigmatização do negro é revista e enfatizada.

"O Negro é feio? NÃO!"

"O Negro é preguiçoso? NÃO!"

"Todas as escolas brasileiras matriculam o negro? NÃO!"

"O negro é covarde? NÃO!"

"Eles tinham para onde ir? NÃO!"

"O negro é mau? NÃO!"

"A Igreja empenha-se em formar pastores negros? NÃO!"

"O talento se mede pela cor? NÃO!"

"A Lei Áurea foi uma lei de ouro? NÃO!"³²

Seguem-se histórias sobre negros, a primeira delas intitulada "Negro Pensa?" e, para terminar, sugere-se que sejam recitados poemas no auditório.

A subserviência, a alienação, a opressão surgem de forma muito clara na *Oração da Menina Preta* de Maria Célia Bueno, um dos poemas incluídos na cartilha.

A cor negra é novamente vista como uma aberração, com um marco de inferioridade

"Penso, senhor, que no meu primeiro dia

dispunha o meu Deus só de tinta preta

E assim me coloriu toda, inteira...

Ah! Senhor, que grande lapso!...

Escuridão é rejeição, Senhor

é cara virada

é porta fechada

é conversa apressada

é carícia negada

é ter de falar baixo para que outras vozes
sobressaíam

/.../

é ter de viver depressa para incomodar menos

/.../

Um dia eu me vou daqui, Senhor

e o que vos peço é que não se repita o
ato."³³

Acho que podemos fazer nossas as palavras de Rosenberg ao criticar o INL - Instituto Nacional do Livro:

"Se a veiculação de preconceitos é sempre inacreditável, ferindo o princípio constitucional fundamental, aqui torna-se peremptoriamente inadmissível por receber libelo de organismo oficial. E alguns dos textos vei-

culando discriminações raciais dentre as mais indignas foram encontrados em livros co-editados pelo INL."34

Resta-nos esperar que nossas crianças, oficialmente ensinadas a serem tão elitistas e discriminadoras em relação ao negro, encontrem referências na sociedade para aceitar como reais os signos veiculados por Ziraldo em sua obra aqui analisada.

NOTAS

1. Exemplares dessa cartilha foram distribuídos nas escolas estaduais e recolhidos pelo governo após reação de grupos ligados ao Movimento Negro.
2. MUNANGA, Kabengele. *Negritude - Usos e Sentidos*. São Paulo, Ática, 1986. p. 9.
3. ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura Infantil e Ideologia*. São Paulo, Global Editora, 1985. p. 84.
4. TEIXEIRA, Fausto. *Estudos de Folclore*. Belo Horizonte, Movimento Editorial Panorama, 1949. p. 52.
5. Idem, p. 53.
6. DELAZERI, Jaci José e Ada. *Saci Pererê*. Coleção Paraíso da Criança, Séries Brasileiras, Rio Grande do Sul, Edelbra Editora e Livraria Brasileira Ltda, s/d.
7. VERSIANI, Ivana. *Greve na Escola*. São Paulo, FTD, 1986. p. 14.
8. Idem, p. 7.
9. Idem, p. 13.
10. Idem, p. 11.
11. Idem, ibidem.
12. Idem, p. 15.
13. MUNANGA, K. Op. cit., p. 22-3.
14. ARAÚJO, Henry Corrêa. *Pivete*. Minas Gerais, Editora Comunicação, 1977. p. 5.

15. WALTY, Ivete e CAMPOS, M.H. Caminhando contra o vento, sem lenço sem documento. In: *Ensaaios de Semiótica*. Belo Horizonte, 10: 1983. p. 44.
16. MUNANGA, K. Op. cit., p. 23.
17. WALTY, I. e CAMPOS, M.H. Op. cit., p. 45.
18. ARAÚJO, H.C. Op. cit., p. 39.
19. ZIRALDO. *O Menino Marrom*. São Paulo, Melhoramento, 1986. p. 3-4.
20. ZIRALDO. Op. cit., p. 5-6.
21. Idem, p. 11.
22. Idem, p. 20.
23. Idem, p. 18.
24. Idem, p. 30.
25. MUNANGA, K. Op. cit., p. 14.
26. RODRIGUES, Terezinha Yone. *Negro que te quero negro*. Comissão Estadual de Moral e Civismo, Secretaria de Estado da Educação. Belo Horizonte, 1988. p. 1.
27. Idem, p. 2.
28. Idem, p. 7.
29. MUNANGA, K. Op. cit., p. 15.
30. RODRIGUES, T.Y. Op. cit., p. 9-10.
31. Idem, p. 14.
32. Idem, p. 37-9.
33. Idem, p. 47.
34. ROSEMBERG, F. Op. cit., p. 86.